



Domingo de Ramos

A obediência que liberta

A busca da própria realização e do sentido da vida e a conquista da liberdade como autonomia decisiva nos coloca sempre diante de uma escolha entre o bem e o mal, entre uma verdade encontrada e a própria compreensão

da realidade. O Domingo de Ramos é a oportunidade para refletir sobre essa escolha e colocarmos atentamente diante da proposta de liberdade que Cristo nos oferece. São Paulo nos ajuda a compreender tal proposta, que se baseia no caminho de despojamento, para abrir-nos à experiência de liberdade que brota da obediência ao Amor fiel de Deus: “humilhou-se a si mesmo fazendo-se obediente» (Fil 2,8).

O caminho de despojamento é entendido de forma errada, como se fosse um anular-se, enquanto, na verdade, é um verdadeiro elevar-se à mais alta possibilidade de realização e de sentido da própria vida. “Despojamento” é indicativo de doação de si, de abertura à forte experiência do amor que a humanidade deseja, mas que, muitas vezes, não vive. O desejo de amar conduz ao despojamento daquilo que não permite essa experiência, libertando-nos da afirmação egoística de si para descobrir a alegria de construir a própria vida em relação à do próximo.

A obediência que Cristo nos pede é a elevação de si, é sair do fechamento do coração, gerado pelo egoísmo, para a solicitude atenta à realidade do outro, a fim de acolhê-lo e construir a vida juntos. O Cristo é, na sua doação até à cruz, o “Caminho” para atingir o ponto da liberdade verdadeira à qual cada pessoa aspira. É o Caminho a seguir atentamente na própria vida, para escolhas que não nos fechem sobre nós mesmos, mas nos abram ao próximo. A experiência que se faz na sociedade atual é cada vez mais centrada sobre a individualidade e a afirmação de si, cujos termos, como “humilhação” e “obediência”, contrastam com a realidade e são refutados. O Cristo, e a sua proposta de caminho e da verdade do Evangelho são sempre mais excluídos da vida social e relegados a segundo plano.

A afirmação, em resposta à vontade de Pilatos de querer libertar o Cristo, é atual e emblemático comportamento que se verifica muitas vezes na sociedade: «Fora com ele! Solta-nos Barrabás!» (Lc 23,18). O Cristo é excluído porque escandaliza e contrasta com o pensamento de hoje. A escolha recai sobre Barrabás, isto é, sobre aquele que exprime uma rebelião em potencial, uma liberdade de esquemas e funções, uma afirmação da liberdade pessoal de escolha e de afirmação de si. Nessa escolha, porém, o homem se vê na solidão e se descobre fraco e frágil.

Como ajudar a reconhecer o caminho de Cristo como aquele em que a humanidade encontra plenitude de sentido e não aniquilamento? Doando a alegria que emana do Cristo crucificado, porque só a partir desse sinal de amor podemos servir a humanidade, construindo e vivendo a verdadeira fraternidade. Como disse o Papa Francisco, na primeira homilia aos Cardeais, devemos ter «a coragem, exatamente a coragem, de caminhar na presença do Senhor, com a Cruz do Senhor; de edificar a Igreja com o sangue do Senhor, derramado na cruz; e de confessar a única glória: Cristo crucificado». No seguimento de Cristo percorramos o caminho indicado por ele de *despojamento* para viver a verdadeira liberdade que brota da *obediência* à sua proposta de amor, e seremos construtores do Reino, pedras vivas da Igreja nascida da obediência de Cristo.

Pe. Renato D'Auria